

PREFÁCIO

POR JORNADAS QUE BUSQUEM A EXCITAÇÃO!

“Não há consciência sem conhecimento e não há conhecimento sem consciência.”
(N. Elias. Teoria Simbólica, p. 121).

“São sons de sins, ãos ... contudo” (Chico Cesar).

São os sins e são os ãos que nos dão a dimensão do emaranhado de relações em que nos vemos inseridos. Contudo; conjunção que nos permite ver uma saída pelas possibilidades que a própria relação dos sins e ãos faz criar. Nada mais eliaseano do que o processo sugerido pela conjunção. Somos sins, somos ão... ‘contudo’ somos mais do que sins e ãos. Foi isso que motivou a I Jornada realizada em João Pessoa/Paraíba, no ano de 2015. Uma inquietação decorrente das possibilidades de análise que a teoria dos processos e das figurações nos apontavam e que não víamos ser anunciado nos eventos onde tudo é montado com tempo curto e pré-estabelecido, onde quase tudo é definição, é resultado e pouca interrogação. Assim, as Jornadas se propõem a ser, como bem diz a chamada do segundo evento em Boipeba/BA, “para além da divulgação das produções científicas dos grupos e dos seus membros [ser] um espaço para compartilhar dúvidas, descobertas, equívocos, relações inusitadas, dificuldades, análises idiossincráticas na produção de conhecimentos atravessados pela Sociologia Processual.”

Creio que é isso que nos une aqui: para além do desejo de encontrar parceiros de longas datas, a vontade de fazer sempre do caminhar processos de descobertas e que frutificam nas relações de grupos distintos, vindos de diferentes realidades, mas buscando entendê-las a partir das figurações que formamos uns com os outros.

Nesse sentido, a I Jornada tratou do tema **Educação e Jogos de Poder** e se propôs a ser isso que vemos aqui continuado e aprofundado: um espaço interrelacional e diverso num exercício de memória. Lembro-me bem do quão ricas foram as ‘conversas’ e quanto podemos aprender uns com os outros – orientandos, orientadores, colegas, amigos - que se abalaram lá para João Pessoa/PB, num período de São João (ops!), e fizeram daqueles três dias, dias de sins, ãos... contudo, cheios de procuras e encontros. Lembro-me o quanto foi interessante nossa conversa no espaço da Granja Pitumirim, Conde/PB, num círculo onde todos se viam cara a cara, numa conversa aberta sobre a experiência daqueles dias e as nossas expectativas sobre o que poderíamos seguir fazendo. Naquele dia, eu entendi o sentido dos Conselhos Ancestrais. O sentido de quando dizemos e atuamos em espaços de (com)vivência. Espaço de busca por um maior equilíbrio na “Balança de Poder”.

Já a II Jornada focou na busca por novos temas que podem ser abordados a partir da teoria proposta por N. Elias. Afinal, o racismo as diferentes formas de fobia ante as minorias são questões que podem muito bem nos falar sobre interrelações e interdependências crivadas por relações de poder. São temas, que a partir da teoria eliasiana vemos não apenas a necessidade de refletir, mas a necessidade de buscar ações que estabeleçam figurações proativas a essa temática no atual processo civilizador. Tema que intercalou na III Jornada com a temática “Civilização e Educação” e trouxe à baila de início a questão das “Experiências decoloniais”, mas também a necessidade de pensarmos “O Brasil contemporâneo e Concepções Eliasianas”. Temas relativos à palestra de abertura e a primeira mesa do evento, respectivamente.

Os anos que separam aquela primeira Jornada em 2015, da segunda Jornada em 2019 e desta para a terceira Jornada em 2023 são, sem sombra de dúvidas, anos de muitas transformações na vida social, política e acadêmica de cada um de nós. Se naquela oportunidade discutíamos num tempo de investimentos e de possibilidades – apesar da já anunciada crise, um tempo de sins e contudo – na Bahia nos movimentamos no espaço nebuloso do ataque às minorias, da descrença da participação na vida pública e no descrédito do conhecimento produzido nas universidades e nas instituições públicas e em Campina Grande/PB, no momento de retomada da esperança de novas políticas mais inclusivas, com vistas a superar o descrédito

capitaneado por um tipo de pensamento tacanho e rasteiro que se materializa até na crença da “terra plana”! (sic!) Mas, como nos ensina o próprio Elias, é no processo que as coisas se dão e estar atento ao turbilhão é condição necessária para, ao menos, começarmos a apresentar respostas convincentes aos desafios postos – lembro-me aqui da parte II de “Envolvimento e Distanciamento” (Os pescadores no Turbilhão do Maelström) onde dois pescadores se viram em apuros e cada um reagiu de uma maneira ao desafio inusitado em que estavam envolvidos. Permitam aqui reproduzir a parte do texto de Elias e que nos sirva de entendimento:

“...enquanto os pescadores iam sendo gradualmente arrastados para dentro do abismo criado pelo turbilhão das águas, flutuaram ainda durante algum tempo à deriva, em conjunto com outros destroços, ao longo das paredes desse funil, cada vez mais estreito. A princípio, os dois irmãos – o mais novo dos três já havia morrido afogado no meio da tempestade – estavam demasiado subjugados pelo medo para poderem pensar com clareza e observar com exatidão o que acontecia à sua volta. Passado algum tempo, assim nos conta Poe, um dos irmãos consegue libertar-se do medo. Enquanto o mais velho, tolhido pela catástrofe que se avizinhava, se acorava desesperado e impotente na embarcação, o irmão do meio recuperava o autodomínio e começara a olhar à sua volta, movido por um determinado tipo de curiosidade. Então, ao observar tudo com mais calma, quase como se isso não o afetasse pessoalmente, notou determinadas regularidade no movimento dos destroços, que, em conjunto com o barco, eram arrastados em círculo à deriva. Abreviando: através da observação, chegou a uma “ideia”; uma imagem coerente do processo no qual ele estava implicado, uma “teoria” começou a tomar forma no seu pensamento. Ao olhar a sua volta com atenção redobrada e ao refletir sobre isso, conseguiu chegar à conclusão de que os objetos cilíndricos se afundavam mais lentamente do que os de qualquer outra forma e os objetos pequenos mais lentamente do que os maiores. Com base nesta imagem sinóptica das regularidades do processo em que se encontrava enredado, e após ter descoberto o respectivo significado para a sua própria situação, ele empreendeu os passos adequados (...).

E continua Elias na sua análise:

“O pescador viu-se envolvido, dito sinteticamente, num processo crítico, que, de início, parecia subtrair-se por completo ao seu controle. É possível que, durante algum tempo, se tivesse agarrado a quaisquer esperanças imaginárias. Fantasias de um milagre, de ajudas vindas de entidades invisíveis devem ter-lhe ocorrido. Passado um certo tempo, porém, acalmou-se. Começou a pensar de modo mais frio. E ao distanciar-se, ao controlar o medo e, por assim dizer, ao observar-se a si próprio a partir de uma distância maior, como um ser humano que formava com outros, com as forças indômitas da natureza uma determinada constelação, conseguiu desviar os seus pensamentos de si mesmo e orientá-los para a situação em que se encontrava cativo. Então, descobriu os elementos de que poderia fazer uso, num processo incontrolável, para melhor controlar as circunstâncias do seu desenrolar em defesa da própria sobrevivência. Ao representar simbolicamente, na sua ideação. A estrutura e a orientação do fluxo dos acontecimentos, conseguiu descobrir uma saída. O nível de autocontrole e o nível de controle sobre o processo em curso eram, nesta situação, como se pode ver, interdependentes e complementares” (Envolvimento e Distanciamento, p. 75 e 76).

É certo que vários outros fatores entram na conta de possíveis respostas aos desafios humanos. O próprio Elias também vai observar que, às vezes, *“uma cabeça mais fria em situação de perigo também nem sempre constitui garantia de salvação ou de sobrevivência”* (p. 79). Mas é sempre bom considerar que, para a ação acadêmica uma dose de ousadia relacionada às reflexões do caráter “simbólico” de nossa situação no mundo se faz necessário. Para tanto, dizia Elias:

“A sociologia das figurações ocupa-se dos seres humanos como um todo. Baseia-se num modelo quintidimensional de uma pluralidade de seres humanos, que engloba tantos os aspectos quadridimensionais diretamente observáveis quanto os aspectos da ‘experiência’, o pensamento, as emoções e as pulsões. (...) O objetivo é estudar e apresentar a interdependência funcional de tais aspectos experienciais no quadro da unidade quadridimensional dos indivíduos humanos, bem como no âmbito dos processos sociais não-planeados que os homens constituem em conjunto com fatores não humanos e em conjunto uns com os outros” (p. 78. N. A.)

O objetivo que nos fez próximos desde antes da I Jornada passa pelo entendimento de todos esses caminhos de busca que Elias nos apresenta. Hoje, mais do que nos anos próximos passados, cabe-nos debruçar sobre essa proposta teórica e não só buscar apresentar respostas a problemas propostos por nossos orientandos ou por nós mesmos. Mas, também e com urgência, buscar um profundo entendimento, a partir de uma análise processual, das características e possíveis superações dos condicionantes que nos cercam. Qual o desafio que devemos enfrentar para dar conta dessa tarefa? Ou melhor ainda, o que nos cabe fazer com o instrumental teórico que ele nos legou? Creio que, por aí poderemos dar sequência aos trabalhos que nos propomos, baseados na sociologia dos processos. Como estamos trabalhando? Que resultados, ante os desafios, estamos apresentando? Qual o próximo passo? São muitas as questões que estão sempre colocadas para as Jornadas de Estudos Eliaseanos e passam, necessariamente, pelo crescente aprofundamento e manuseio das bases teóricas que formam a sociologia dos processos e das figurações. Talvez aqui tenhamos que fazer o exercício que já foi proposto por Johan Goudsblom anos atrás: mais do que pensar “usando Elias”, seja Pensar COM Elias! (In: Norbert Elias: a política e a história. 2001. p. 241-247). E para isso carece sermos ousados na medida de resignificar uma série de conceitos e procedimentos metodológicos pouco usuais ainda no nosso campo. Refiro-me aqui especialmente a Educação e a Educação Física.

Outrossim, aqui para nós, povos formados a partir do processo de expansão comercial oriundo das nações ibéricas europeias, que vimos a ser conhecidos como colonizados, em que e onde as proposições de Elias podem nos auxiliar? Ou por outra, mais do que discutir se a análise é ou não eurocêntrica, cabe buscar entender até que ponto a análise eliaseana vai nos ajudar a dar outras explicações ao processo de colonização das nações Latino-americanas. Penso que o primeiro passo é conhecer a fundo a obra e as novas possibilidades de análise que ela nos dá. Creio que quanto a isso, já estamos seduzidos e, muitos de nós, bastante empenhados. Mas é preciso ir mais longe. É preciso nos apropriarmos, no sentido de refazermos as análises considerando a “síntese de todas as ciências” que Elias sugeriu e que deixou como desafio para os seus seguidores. No estágio atual em que nos encontramos nesse grupo, acredito que duas tarefas se fazem urgentes:

1. Entender bem o sentido da análise em “O Processo Civilizador”, superando algumas repetições e buscando a conexão entre os grandes processos colonial, mercantil e cultural que provocou e permitiu o encontro de grupos humanos tão distintos. Entender, como nos diz Goudsblom,

“os processos de civilização (pense no plural) são considerados uma característica universal das sociedades humanas. Onde quer que vivam, desde que pessoas morem juntas, formam ‘unidades de sobrevivência’. Adquirem competências que lhes permitem sobreviver, particularmente, nos nichos em que se encontram. Aprender

as manhas da sobrevivência e transmiti-las à geração seguinte, eis do que se trata quando se fala em processo de civilização. Trata-se da formação dos regimes de comportamento que as pessoas impõem às outras e a si mesmas, regimes que lhes permitem, de certa maneira, fazer frente aos problemas que encontram em suas vidas e que são transmitidos uns aos outros. No curso do processo de transmissão, esses regimes podem sofrer mudanças maiores ou menores” (Goudsblom, p. 243) e,

2. Trazer o desafio de entender a relação dos processos civilizadores com a Teoria Simbólica e assim considerar os símbolos como processos de sínteses progressivas. Essa proposta teórica, segundo as proposições de Elias, se ancora na quinta dimensão especificamente humana que, apesar de continuar localizada nas quatro dimensões de espaço/tempo (comprimento, largura, profundidade, tempo!), “à semelhança de todos os fatos pré-humanos, (...) serve aos seres humanos como meio de comunicação e identificação” (Teoria Simbólica. p. 47). Portanto, essa síntese entre esses dois caminhos de relações (Dos processos civilizadores e dos símbolos, que se complementam) se faz necessário para o prosseguimento de análises realmente renovadoras no campo que estamos tentando construir. De um modo geral, o que proponho aqui para nós, é sempre iniciarmos o desafio de buscar o conhecimento na perspectiva não de uma expressão da verdade, mas na direção de uma congruência com a realidade, como gostava de apontar o Norbert Elias, fiel aos seus pressupostos.

Infelizmente parece que continuamos a repetir muitos das trilhas já pontuadas pela academia, com nossos caminhos próximos, mas intocados. Seguimos fazendo nossas investigações e nem nos damos conta do que o outro realiza na mesma seara. A Educação, a infância, o corpo, a escola tantos temas abordados, muitos dos quais usando Elias e não COM Elias. “A expectativa de um tipo específico de explicação não se deve ‘à experiência pessoal’ de um indivíduo, mas às experiências coletivas de um grupo como um todo ao longo de muitas gerações” (p. 10). Creio que aqui está uma das bases do “método”; creio que aqui está um dos caminhos necessários para o nosso trabalho. Se todo o desafio que Elias pôs diante de si e dos seus seguidores mais próximos, foi o de acreditar no “sociólogo como destruidor de mitos”, está posto aqui para nós também - certamente e literalmente nesses tempos brasileiros e Latino-Americanos – a atenção para a realização dessa tarefa. Não basta fazer-se situar em outro campo conceitual, é preciso fazer mudar as questões postas. Questões que tratem de processos e não de absolutos. Assim, nos diz Elias: “Muitas pessoas vivas procuram ainda, provavelmente, uma resposta para a questão ‘Quem é que criou o mundo?’ e não ‘Que transformações são responsáveis pela atual constelação do universo físico?’” E é essa procura por explicações processuais que estou querendo anotar aqui como primordial para os nossos trabalhos. São sons de sins, não... contudo!

Mas, a despeito de todas as amorosidades e de todas as adversidades, chegamos até aqui. Considerando os Jogos de Poder, buscando um maior equilíbrio nessa “Balança de Poder”. E aqui desponta o segundo aspecto dessas reflexões que trago para vocês: Como participar de forma propositiva do ambiente acadêmico, mas também político e social em que nos vemos inseridos? O que pode diferenciar e/ou nos motivar continuar nos encontrando nas Jornadas que já chegou a sua terceira edição? Novamente cabe trazer à baila os nossos propósitos: “um espaço para compartilhar dúvidas, descobertas, equívocos, relações inusitadas, dificuldades, análises idiossincráticas...” ou seja, um espaço distinto de outros espaços pelos desafios e não pelas certezas. Cabe então buscar aqui, agora, temas, problemas ... ações que possam nos fazer desafiados a construir explicações com um viés processual e figuracional – pensar COM Elias!

Na década de 1980 Elias tomou um rumo em seus estudos que pode muito bem ser um estímulo para o nosso caminhar - Lembro que aqui não quero ditar regras de trabalho, mas creio que podemos iniciar trabalhos conjuntos de muito fôlego e perspicácia - trago aqui a observação feita por Hermann Korte, na

apresentação de um pequeno livro de Elias chamado “*A Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*”. Diz Korte:

No início dos anos 1980, estava às voltas, entre outras coisas, com o que ele mesmo chamava de ‘cânones sociais em antagonismo e transformação’. Orientava-se pela pergunta sobre a passagem de uma ordem social para outras e queria descrever essa transição particularmente em indivíduos que refletissem tanto o passado quanto a novidade (op. Cit. p. 10).

Dessa seara despontaram obras como a citada acima e, a mais conhecida nossa, “*Mozart: a sociologia de um gênio*”. Aponto um caminho que podemos vasculhar com mais frequência, outros caminhos certamente já foram ditos e podem ser melhor explicitados. A professora Nilene Trigueiro, do Instituto Federal do Crato/CE, por exemplo, estuda o Mestre de Capoeira Emanuel dos Reis Machado (Mestre Bimba), que pode nos ajudar a pensar mudanças significativas de um processo social no qual ele estava profundamente implicado como homem negro, pobre, analfabeto, mas impulsionador de uma das “invenções sociais” mais significativas do que chamei de “esforço civilizador brasileiro”, a Capoeira. Outras possibilidades de análises na linha que tenho abordado aqui, também podem ser trilhadas a partir das colocações feitas pelo amigo e professor Edilson Fernandes de Souza, num instigante artigo intitulado “*Norbert Elias: uma teoria desconectada à realidade brasileira - balançando o chicote*” (in: Escritos a partir de Norbert Elias. p. 11-20) Vale a pena conferir.

Caminhando para uma conclusão, creio que cabe fazer ainda apenas mais uma chamada: temos que construir análises processuais e figuracionais desse momento por que passa o Brasil e a América Latina. Não podemos e não devemos ficar calados ante tantos e profundos desmandos que veem animando a política brasileira. O viés antidemocrático, discriminatório e desagregador dos governos ultraliberais que estamos vendo aflorarem nos estados nacionais Latino-Americanos, devem ser diuturnamente combatidos para que não percamos a possibilidade de gozar daquilo que mais permite o avanço das ideias e do pensamento crítico, tão embalado por Norbert Elias, a **Liberdade!**

Prof. Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena

 <https://orcid.org/0000-0002-2597-8342>

DFE/CE/UFPB

cacolucena@gmail.com

Elias, N. (1994). Teoria Simbolica. Oeiras. Celta Editora.

Elias, N. (1997). Envolvimento e Distanciamento: estudo sobre sociologia do conhecimento. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

Elias, N. (2005). A Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor.

Goudsblom, J. (2001). Pensar com Elias. In Norbert Elias: a política e a história. Ed. Perspectiva. p. 241-247.

Souza, E. F. de. (2009). Norbert Elias: uma teoria desconectada à realidade brasileira – balançando o chicote. In: Escritos a partir de Norbert Elias.